

La Comédiathèque

OS SOCROS

Jean-Pierre

Martinez

ideAis

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: <https://comediathèque.net>**

Os Sogros Ideais

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Após convidarem o pai e a mãe do noivo da sua filha para se conhecerem e planearem o casamento, descubrem que os pais do genro ideal nem sempre são uns sogros ideais...

Personagens

António
Julieta
Homero
Yasmina

© La Comédiathèque

Uma sala com um aspecto antiquado, mobilada com um sofá e uma mesa de centro. António, um homem com mais de quarenta anos, talvez a caminho dos sessenta, entra de fato de treino, com um monte de exames que deixa sobre a mesa. Coloca um disco de música clássica ou jazz num gira-discos antiquado e senta-se no sofá para corrigir os exames. Julieta, de idade semelhante, entra em cena. Ela usa um impermeável e segura uma velha mala de couro na mão. A música está bastante alta, por isso António não percebe a sua chegada. Julieta desliga o gira-discos para chamar a atenção.

Julieta – Mas o que é que estás a fazer?

António – A corrigir os meus exames! O que queres que eu faça?

Julieta – Lembro-te que temos convidados... Chegam dentro de meia hora. Já podias ter começado a preparar-te. Não me digas que te esqueceste.

António – Esquecer? De maneira nenhuma! Digamos que neste momento passou-me da cabeça... Mas certamente que mais cedo ou mais tarde ia lembrar-me.

Julieta coloca a sua mala e tira o impermeável.

Julieta – Por exemplo, quando tocassem à porta.

António – É só um aperitivo. Não é preciso passar horas a prepará-lo. Nós convidámos-os para beber algo, não para jantar, para nos facilitar a vida, não é?

Julieta – Pois... Já que não estamos a esforçar-nos muito, pelo menos quando chegarem que tenham a impressão de que fizemos um esforço mínimo para os receber. Vai, guarda os teus exames e dá-me uma ajuda!

António começa a mexer-se com Julieta para organizar um pouco a sala e preparar a mesa com o necessário para o aperitivo.

António – Tinha sido mais fácil se a Clara estivesse aqui connosco para os receber... Afinal de contas, são os futuros sogros dela. É ela que vai ter de os aturar o resto da vida, não nós.

Julieta – Ela achou que estaríamos mais à vontade a conhecê-los sem ela estar presente com o noivo. Faz sentido. E também não é um castigo, sabes? Nós nunca recebemos ninguém...

António – Reconhece que é um pouco incómodo receber em casa pessoas que nunca viste na vida.

Julieta – E o que querias que fizéssemos? Convidá-los para beber uma cerveja no bar da esquina para evitar o trabalho?

António – Podiam ter-nos convidado eles.

Julieta – Eles vivem no Porto! Se nos tivessem convidado, teríamos de fazer seis horas de comboio, ida e volta. Não tenho a certeza de que iríamos sair a ganhar...

António – Não me digas que vêm do Porto só para tomar um aperitivo connosco.

Julieta – Tiveram a cortesia de dizer à Clara que já tinham previsto passar o fim de semana em Lisboa, mas não me admirava nada que estivessem a fazer a viagem só para nos conhecer. Então, se chegarem e virem que nem sequer nos demos ao trabalho de pôr umas azeitonas na mesa...

António coloca umas azeitonas sobre a mesa, junto com um chouriço que começa a cortar em rodelas.

António – Aqui estão as azeitonas...

Julieta – Pergunto-me se não seria melhor evitar o chouriço...

António – Porquê? Eu gosto de chouriço... É um chouriço do Porto, precisamente. Comprei-o no hipermercado em honra deles.

Julieta – Há cinco minutos nem sabias que era do Porto.

António – Intuição masculina.

Julieta – Enfim, não é por isso...

António – Então já há um problema?

Julieta – O nosso futuro genro chama-se Karim... Os pais dele provavelmente são muçulmanos, como ele.

António – Karim é um nome árabe?

Julieta – Sim, claro... Além disso, ele é bastante... como dizer? Tem traços bem marcados.

António – O que queres dizer com traços marcados?

Julieta – Ele é um pouco... moreno. Ele é negro, vá.

António – O nosso futuro genro é negro?

Julieta – Não te tinhas apercebido?

António – Não tinha reparado, para ser sincero.

Julieta – Bem, negro... Não como um africano... Como o Obama, por exemplo.

António – Ah, ok... Então não é realmente negro.

Julieta – Negro muito claro... É mestiço, se preferires.

António – E o pai dele, como se chama?

Julieta – Omar, penso eu...

António – Ah, sim, isso já é um nome africano, está claro.

Julieta – Do norte de África, em todo o caso.

António – É curioso, até agora nunca tinha considerado essa união de uma perspectiva étnica...

Julieta – Pelo menos isso prova que não somos racistas.

António – Sim... Embora também possa ser porque a Clara conheceu o Karim na mais famosa escola de negócios de Portugal... Se o tivesse conhecido no bairro marginal aqui ao lado, talvez nos tivesse chamado mais a atenção ele se chamar Karim em vez de João Manuel...

Julieta – Achas?

António – É incrível como as minorias visíveis tendem a passar despercebidas a partir de certo nível de estudos, rendimentos ou fama... Olha o Obama. Honestamente, é preciso ser americano para notar que ele é negro, não é?

Julieta – O importante é que ela goste dele. E que ele seja um bom rapaz...

António – Mesmo assim... Para uns "professores vermelhos" como nós... Ter uma filha que sai de uma grande escola de negócios... Achas que falhámos na sua educação?

Julieta – "Professores vermelhos"? É assim que te vês?

António – Estou a brincar, tranquila... Já sabes que, se escolhemos esta profissão os dois, foi só para termos muitas férias...

Julieta – E poder beneficiar da mutualidade de saúde dos funcionários públicos.

António – E se a nossa filha se pode casar com um africano, embora seja do norte, pelo menos sentimo-nos menos culpados de a termos transformado numa pequena soldada do grande capital...

Julieta olha para o resultado dos preparativos.

Julieta – Eu, por outro lado, sinto-me culpada pelo nosso sofá... É uma vergonha, não achas?

António – O que é que se passa com o sofá?

Julieta – Comprámo-lo logo depois de casarmos, António. Está um pouco afundado... como nós! Não achas que já está na altura de comprarmos outro, a pensar no casamento da tua filha?

António – Eu tenho carinho por este velho sofá, todo afundado. Mas pronto, se insistes, vamos trocá-lo...

Julieta – Sem falar das pinturas que já estão bastante desgastadas...

António – Sinto que este casamento vai-nos custar os olhos da cara... (*António dá uma olhada à mesa.*) Bem, acho que desta vez estamos prontos para receber dignamente os pais do nosso futuro genro.

Julieta – Sim, mas o pior ainda está para vir...

António – O quê?

Julieta – O casamento! Evidentemente, vêm também para isso. Para falar da data e da organização da cerimónia.

António – Só de pensar nisso já fico deprimido.

Sentam-se no sofá. António a envolve com o braço.

Julieta – É uma fase, sem dúvida. Há vinte anos casávamo-nos nós. Agora, é a nossa filha que se casa...

António – Ela vai embora de casa e ficamos aqui como dois parvos, afundados no nosso velho sofá.

Julieta – Uma época que acaba. O começo de outra... Agora teremos mais tempo para nós.

António – E menos gastos... Os estudos dela nesta escola de negócios custavam metade do meu salário. Ainda bem que nunca repetiu o ano...

Julieta – Podemos viajar um pouco mais.

António – O que é que os pais do Karim fazem?

Julieta – A Clara disse-me que o pai dele trabalha na área da segurança...

António – Um árabe a trabalhar na segurança, isso é progresso, não é?

Julieta – Porquê?

António – Até agora, o clichê era: árabe igual a criminoso. O facto de agora serem também polícias ou seguranças é uma prova de integração... E assim podemos dizer que é uma comunidade que gera os seus próprios empregos.

Julieta – Se pudesses evitar esse tipo de piadas na frente dos pais do nosso futuro genro...

António – Relaxa, não tenho intenção de sabotar este casamento. Depois de tanto tempo à espera de uma oportunidade para nos livrarmos da nossa filha. Sem dote, se possível... E a mãe, o que faz?

Julieta – A Clara não me disse.

António – Bem, de qualquer forma, o facto de a nossa filha se casar com o filho deles não significa que tenhamos de ir de férias juntos. Além disso, repara, não existe uma palavra para descrever este tipo de relação.

Julieta – Que relação?

António – A relação de parentesco entre os pais do noivo e os da noiva. Para a Clara, serão os seus sogros. Mas para nós, essas pessoas nunca serão nada...

Julieta – Isto promete, este aperitivo... Deixa de ver tudo tão negro! Talvez eles sejam muito simpáticos, afinal...

António – Eu digo: vemos-nos hoje para o aperitivo, vemos-nos novamente no banquete do casamento, e se não houver química, até logo...

Julieta – Falando no casamento... Como o imaginas tu? Melhor que estejamos de acordo entre nós, para começar...

António – Nós casámo-nos na câmara municipal com quatro testemunhas, e fizemos o brinde na nossa garagem...

Julieta – Sim, lembro-me, estava a chover.

António – Casamento chuvoso, noiva feliz...

Julieta – Não conhecia este ditado.

António – Acabei de inventá-lo... Achas que vão querer algo luxuoso?

Julieta – Espero que não... Até porque, segundo a tradição, são os pais da noiva que pagam o casamento...

António – O quê? Estás a brincar, não é?

Julieta – Isso deve ser o que substitui o dote nos dias de hoje... Bem, não achas que devias mudar antes que eles cheguem?

António – E como me visto eu para receber essa gente? Não os conheço. Se me puser um fato e eles vierem vestidos de forma informal, podia incomodá-los.

Julieta – Se ficares de fato de treino, quem vai estar incómoda sou eu.

António – Então, o que é que ponho?

Julieta – Podias pôr uma chilaba. Para lhes fazer honras, parece-me mais apropriado do que o chouriço de Leão.

António – Não estou certo de encontrar a que comprei em Marrakech.

Julieta – Estou a brincar... De qualquer forma, devias guardar a tua coleção de BD eróticas. Se forem muçulmanos fundamentalistas...

António – Mesmo assim, um convite para o aperitivo fica um pouco estranho, não achas?

Julieta – Porquê?

António – Como os vamos mandar embora quando passarmos para a mesa? Teríamos de ter um código entre nós...

Julieta – Se forem simpáticos, sempre podemos sugerir que fiquem para o jantar.

António – Já sabia... Isto é precisamente o que eu temia. Entramos em uma espiral infernal!

Julieta – Podemos fazer isto pela Clara, é o mínimo. Além disso, o Karim parece ser um bom rapaz... pelo menos pelo pouco que sabemos.

António – É verdade, na realidade não o conhecemos tanto.

Julieta – Nem sequer reparaste que ele era negro.

António – Só o vimos uma ou duas vezes!

Julieta – Parece um mau remake daquela peça com o Sidney Poitier...

António – Adivinha quem vem jantar.

Julieta – Com a diferença de que tu já viste o teu genro e nem reparaste que ele era negro.

António – Desculpa, mas isso não é o que eu chamo de negro...

Julieta – Bem, como ainda temos um quarto de hora, vou mudar.

António – Vou esperar que voltes, é mais prudente. Se tocarem à porta e estivermos os dois de roupa interior...

Julieta sai. António desaba no sofá. Toca à campainha. Ele vai abrir, mas regressa apenas alguns segundos depois. Julieta, ainda sem se mudar, entra apressada.

Julieta – Pensei que fossem eles... Quem era?

António – Os Testemunhas de Jeová.

Julieta – Os Testemunhas de Jeová? E o que lhes disseste?

António – Disse-lhes que não estávamos interessados. (*Tocam à campainha novamente.*) E eles insistem...

Julieta (*consternada*) – Tens a certeza de que eram os Testemunhas de Jeová?

António apercebe-se do seu erro.

António – Merda!

Julieta vai abrir, fulminando-o com o olhar. Toca o telefone.

António – Sim, Clara... Sim, sim, acabaram de chegar...

Julieta (*off*) – Desculpa imenso... O meu marido confundiu-os com... Mas entrem, por favor...

António – Está tudo bem, querida, não te preocupes... Mas tenho de te deixar agora. Isso mesmo, falamos depois...

Homero e Yasmina entram com um ramo de flores e um pacote de presente. Têm um aspeto bastante semelhante ao dos Testemunhas de Jeová.

Julieta – Oh, não era necessário, não precisavam de fazer isso! É só um aperitivo...

Julieta pega nas flores e António no pacote de presente.

António – Olá, olá... Como foi a viagem?

Homero – Muito bem, obrigado...

Yasmina – Permitam-me que me apresente...

Julieta (*interrompendo*) – Faremos as apresentações dentro de um momento. Por agora, deixem os vossos casacos na sala. Fiquem à vontade, por favor. Por aqui.

Homero e Yasmina não têm tempo de dizer uma palavra. Desaparecem por um momento na sala ao lado.

Julieta – Já viste alguma vez os Testemunhas de Jeová a tocar à porta com um ramo de flores?

António – Não vi o ramo, eles devem tê-lo escondido atrás para nos surpreender. E além disso, é culpa tua... Disseste que esperávamos pessoas de cor. Não me digas que são negros!

Julieta – Não sei, parece que têm algo, não?

António – Tens a certeza de que não são os Testemunhas de Jeová? Nem sequer os deixaste apresentar-se!

Homero e Yasmina voltam sem os casacos.

Julieta – Entrem, entrem, por favor!

António – Uma vez conheci alguém chamado Omar, mas já não me lembro quem era... Importa-se que eu os chame de Omar?

Homero – Se preferir, à vontade... Mas o meu verdadeiro nome é Homero.

Julieta – Já percebi...

Yasmina (*soletrando*) – H-O-M-E-R-O. Homero...

Homero – É verdade, não é um nome muito comum, é fácil confundir...

António – Entendo... Então também não são negros, não?

Homero e Yasmina parecem um pouco surpreendidos com este comentário.

Homero – E esta é a minha esposa Yasmina.

Yasmina – Muito prazer em conhecê-los finalmente.

Julieta – Yasmina... Ah, sim, também não é um nome muito comum...

Yasmina – Vocês são António e Julieta, não é?

António – Sim. Eu sou António e ela é a Julieta.

Homero – Sim, era o que eu pensava...

Julieta – Estamos muito felizes por conhecê-los. A Clara falou muito sobre vocês. Vivem no Porto, não é?

Homero – Por agora, sim.

Julieta – Tiveram boa viagem?

António – Já lhe perguntei isso há um minuto, querida. Os nossos convidados vão achar que não temos nada para lhes dizer...

Homero – Ah, já sabe, agora com o Alfa, o Porto é quase um subúrbio de Lisboa.

Julieta – Mas, por favor, sentem-se.

Homero e Yasmina sentam-se no sofá.

Julieta – António, vais servir algo para beber?

António – Claro... O que querem que sirva? Imagino que nada de álcool, como o Karim...

Yasmina (*um pouco surpresa*) – Um sumo está bem...

António serve-lhe.

António – E você, Omar? Perdão, Homero...

Homero – O mesmo, obrigado.

António – Também não vou oferecer chouriço...

Julieta – Peguem umas azeitonas. Cuidado, têm caroço.

Homero e Yasmina servem-se e não sabem o que fazer com os caroços. António aponta para uma planta.

António – Podem pôr os caroços ali. É erva de gato.

Yasmina – Ah, muito bem...

Silêncio incómodo.

António – Sabem qual é a diferença entre erva de gato e erva para gatos?

Homero – Não, a verdade...

António – Na realidade, são plantas completamente diferentes, com propriedades muito distintas.

Yasmina – Sério?

António – A erva de gato tem um efeito terapêutico. Ajuda o gato a purgar-se, vomitando os pelos que ingeriu ao se lambar. A erva para gatos, por outro lado, também chamada nébeda, tem propriedades afrodisíacas e até alucinógenas.

Homero – Uau... Não fazia ideia...

Yasmina – Então, têm um gato?

António – Na realidade, não... É para consumo próprio... Não é, querida?

Julieta fulmina-o com o olhar.

Julieta – O meu marido está a brincar, claro... O Karim parece muito com o pai, não achas, António?

António – Eh... Sim... Sim, sim...

Yasmina – A filha de vocês, por outro lado, é o retrato fiel da mãe. Não é, Omar? Homero! Agora também me engano...

Homero – Sim, a Clara é definitivamente filha deles. Não poderiam negar.

Yasmina – De tal pai, tal filho.

Silêncio algo incómodo.

Homero – Vocês são professores, não é?

Julieta – Sim, exatamente...

António – Dizem que um em cada dois portugueses conheceu o seu parceiro no trabalho. Entre os professores, essa proporção deve chegar aos 90%.

Julieta – Os 10% restantes devem ter-se conhecido nas férias escolares...

Antônio – E você, Homero, o que faz?

Homero – Trabalho na área da segurança.

Julieta – Ah, sim, isso o Karim comentou-nos.

Antônio – Mas quando diz segurança, refere-se a transporte de valores, vigilante, guarda noturno?

Homero – Um pouco de tudo. Dirijo uma empresa com 300 empregados.

Julieta – Ah, entendi...

Homero – A segurança, sabem? É um setor em pleno crescimento.

Yasmina – Com tudo o que se vê ultimamente...

Antônio – Foi o que eu disse à minha mulher antes de chegarem. A segurança é uma profissão com futuro e uma ferramenta fantástica de integração...

Julieta – E você, Yasmina?

Yasmina – Sou médica.

Julieta – Ah, isso é sempre útil... Ter um médico na família pode ser uma ajuda.

Yasmina – Sou médica forense.

Antônio – Bem, isso também pode ser útil... Se um dia matar a minha mulher e precisar de um certificado de óbito a conveniência...

Julieta – Médica forense... Uau, isso... Deve ser fascinante, não?

Yasmina – Ah, já sabem, não é tão emocionante como nas séries policiais de televisão... E o que é que você ensina, Antônio?

Antônio – Matemáticas.

Yasmina – Muito bem...

Antônio – Sim, isso sempre cria um silêncio incômodo nas conversas. Na verdade, nenhum argumentista, nem os mais bêbados, pensou em fazer uma série de televisão sobre professores de Matemáticas.

Julieta – E eu sou professora de inglês.

Yasmina – Que curioso, mas estava certa de que ia dizer isso.

Julieta – Ah, sim? Achas que tenho cara de professora de inglês? Não sei se devo tomar isso como um elogio, mas...

Antônio – Talvez devêssemos pôr estas flores na água...

Yasmina – Não vão abrir o pacote primeiro?

Julieta – Ah, claro que sim.

Antônio – Isto não será uma bomba, pois não?

Julieta abre o pacote e tira um vaso horrível e deformado.

António – Que curioso... O que é isto?

Julieta – Um suporte para guarda-chuvas?

António – Um cuspo?

Yasmina – É um vaso.

Homero – Para pôr as flores.

Julieta – Ah, claro... Sim, assim podemos pôr as flores aí...

António olha o desenho no vaso por cortesia.

António – É bonito... O que representa?

Julieta – É o Alentejo, não?

Homero – A Clara disse-nos que eram de Castro Verde.

Yasmina – É artesanato local.

Julieta – Ah, sim, querido, olha, é a Basílica de Castro Verde.

António – Não, deixa-me ver...

Julieta passa-lhe o vaso de forma desajeitada, que cai no chão e se parte. Consternação dos anfitriões.

Julieta – Ai, que desajeitada que sou...

António – Isto é o que se chama um ato falhado... Quero dizer, a minha mulher sempre detestou o Alentejo. Na verdade, nunca vamos lá. Passamos todas as férias no Algarve...

Julieta – Desculpem muito... Não sei o que dizer...

Homero – Não se preocupem com isso, não é tão grave...

Julieta – Vou limpar tudo isto.

Yasmina – Ajudamos.

Julieta – Por favor, fiquem sentados. Talvez possamos colar os pedaços...

António (*ajudando-a a recolher*) – Por que não? E com o desenho, isso vai ajudar muito.

Julieta – Sim, será como um quebra-cabeças, mas em três dimensões.

António – Que curioso, havia um papel dentro... Foram vocês que escreveram?

Homero – Bem, não, a verdade... És tu, querido?

Yasmina – De forma alguma...

Julieta – O que é isto?

António – Não sei... Não está em português...

Homero – Será alentejano?

Yasmina – Ou sueco...

Homero – Deve ser o manual de instruções...

Julieta – De um vaso?

António – Parece mais romeno...

Yasmina – Sabes romeno?

António – Tenho algumas noções...

Julieta – Vou escrever o texto no Google Translate... De qualquer forma, é muito curto.

Julieta tira o telemóvel e escreve o texto.

António – Já tinha ouvido falar da mensagem numa garrafa, mas numa mensagem num vaso?

Julieta – Já está... Oh, meu Deus!

Homero – O que se passa?

Julieta – É uma mensagem de socorro!

Yasmina – Um naufrago que pôs a mensagem num vaso?

Julieta – Pior ainda... É uma criança órfã romena, mantida como escrava numa fábrica de vasos perto de Bucareste...

Yasmina – Não pode ser...

Homero – Que horror...

Julieta – Precisamente apadrinhamos uma criança romena... Percebem? Este vaso pode ter sido feito por ela...

Yasmina – Sinto muito, não sabíamos de nada.

Homero – Comprámos na Ikea.

Yasmina – Pensávamos que, no pior dos casos, faziam-no com crianças suecas bem alimentadas...

António – E agora, o que fazemos?

Julieta – O que queres que façamos? Nem sequer deixaram um endereço! Diz que nem ele sabe onde fica essa fábrica clandestina onde o mantêm...

António – Na Roménia... Para fazer vasos alentejanos destinados à exportação... Mas, sinceramente, para onde vamos?

Julieta – Vamos reportar isso amanhã à *Órfãos sem Fronteiras*...

António – Isto mostra um pouco onde nos leva esta globalização tão na moda nas grandes escolas de negócios a que os nossos filhos vão...

Julieta – Desculpem, não queríamos estragar-vos o aperitivo.

Yasmina – Nós que pedimos desculpa. Se soubéssemos...

Homero – Nós também, garanto-vos, somos completamente contra a escravatura infantil.

Yasmina – Mesmo com crianças romenas...

Homero ergue o copo para brindar.

Homero – Bem... Não vamos deixar que isto nos derrube! Saúde!

Brindam. Depois disso, custa retomar a conversa.

Homero – Muito bem... Então, o que planeamos para os nossos?

Julieta – Os nossos?

Yasmina – Os nossos filhos! Para o casamento deles!

Julieta – Ah, sim, claro... Também há isso...

Homero – Não teriam nada contra um casamento religioso?

Julieta – A princípio, não estamos contra, mas também não a favor... Só que poderia ser algo complicado...

António – Eu fui católico numa vida anterior, a minha mulher é judia por parte de mãe e protestante por parte de pai, e se vocês forem muçulmanos...

Julieta – A menos que o façamos em terreno neutro, num templo budista...

António – Podíamos estar lá toda a semana...

Yasmina – Mas... O que vos faz pensar que somos muçulmanos?

Um momento de hesitação.

Julieta – Claro, desculpem...

António – É verdade, sempre pensamos que árabe é igual a muçulmano, mas também há árabes católicos.

Outro momento de tensão.

António – Então, também não são católicos?

Homero – É mais uma questão de...

Yasmina – Não somos árabes.

António – Ah... Vês? O que te disse eu? Não são árabes! Nem negros, claro...

Julieta – É evidente.

António – A minha mulher insistia que o vosso filho era negro...

Julieta – Aos negros, já sabemos como são. Também apadrinhamos um órfão em Mali...

António – Teríamos gostado de trazê-lo para Portugal, mas a *Órfãos sem Fronteiras* descobriu no último momento que ele já tinha pais...

Julieta – Têm razão: o racismo desaparecerá no dia em que os espanhóis de pura cepa derem aos seus filhos nomes magrebinos por vontade própria.

António – Hoje em dia, os filhos de imigrantes têm de "aportuguesar" os seus nomes para que os seus currículos sejam lidos.

Julieta – É verdade, há nomes árabes muito bonitos. Quero dizer, não Mohamed ou Mouloud...

António – Nem Abdelkader ou Abdelkrim...

Julieta – Mas não sei, Karim ou Yasmina, por exemplo.

António – As pessoas põem nomes americanos aos seus filhos como Steewie ou Pamela...

Julieta – Igualmente ridículo.

António – Então, por que não nomes norte-africanos?

Segue-se um silêncio incómodo depois desta conversa.

Yasmina – Yasmina é um nome de origem croata...

Homero – E o Karim já tinha um ano quando o adoptámos. Por isso, evidentemente, deixámos o nome dele.

Julieta – Claro...

Yasmina – Compreendemos a confusão. É provável que o Karim não vos tenha contado que é uma criança adoptada.

Julieta – Não é fácil contar isso...

António – Então, o nosso futuro genro, de qualquer forma, é árabe, não estamos de acordo?

Homero – É um pouco mais complicado que isso, mas...

Yasmina – Espero que não seja um problema para vocês.

Julieta – Claro que não, de forma alguma! Pelo contrário.

Silêncio incómodo.

Homero – Na verdade, há algo mais que devemos contar-vos sobre o nosso filho...

Yasmina – Algo importante que devem saber...

Julieta – Não se preocupem, ninguém é perfeito.

António – Todos nós cometemos erros na juventude, não é? Mesmo que tenha passado algum tempo na prisão por tráfico de drogas antes de entrar nesta escola de negócios...

Yasmina – Calmem-se, o historial criminal do nosso filho mantém-se na sua pureza virginal.

António – Infelizmente, não posso dizer o mesmo da minha filha... Quero dizer... no que diz respeito à virgindade.

Julieta lança-lhe um olhar reprovador.

Homero – Como filho adoptivo, o nosso Karim tem um vínculo muito forte connosco.

Yasmina – E, claro, temos laços muito estreitos com ele...

Homero – Somos a única família dele, percebem?

Yasmina – E nós já não temos parentes próximos.

Homero – Todos faleceram.

Silêncio.

Julieta – Deus meu, que horror.

António – Como aconteceu?

Homero – É uma história trágica.

Yasmina – Que talvez vos contemos algum dia.

Homero – Mais tarde.

Yasmina – Quando nos conhecermos um pouco melhor...

Homero – De qualquer forma, depois do casamento.

Yasmina – Não queremos estragar esta ocasião com os nossos dramas familiares.

Yasmina reprime uma lágrima. António e Julieta, desconfortáveis, trocam um olhar preocupado.

Julieta – Posso servir mais alguma coisa?

António – Um aperitivo de verdade, então? Já que não são muçulmanos... Vai animá-los um pouco!

Julieta – Whisky, vinho do Porto?

Yasmina – Então vou tomar um pouco de vinho do Porto.

Homero – Eu também.

Julieta serve as bebidas.

António – Têm um pouco de chouriço! É chouriço do Porto. Comprámos especialmente para vocês... Quero dizer, caso fossem do Porto e não fossem demasiado rígidos com os princípios do Islão...

O telemóvel de Yasmina toca.

Yasmina – Desculpem, peço desculpa... (*Atende.*) Sim? (*Em voz mais baixa.*) Já te disse que não me ligasses para este número...

Homero lança-lhe um olhar desconfiado.

Yasmina – Posso falar um momento?

Yasmina desaparece na sala onde tinham deixado os casacos. Homero também se levanta e segue-a.

Homero – Não me digas que vais...

Yasmina – Deixa-me em paz!

Homero – Desculpem um instante...

Homero entra atrás dela na sala. Ouvem-se as suas vozes baixas do lado de fora.

Yasmina – Estás a vigiar-me? Sei, é uma deformação profissional, mas...

Homero – Pelo menos podias ter a decência de...

Yasmina – Podes falar mais baixo, por favor? Lembro-te que não estamos em nossa casa...

Homero – Muito bem, falaremos disso mais tarde... Mas não vais sair com a tua, garanto-te... Tu e o teu moreno...

António e Julieta trocam um olhar preocupado, surpreendidos pelo tom da conversa.

António – Não me parece muito tranquilizador, para alguém que trabalha em segurança, não?

Homero volta.

Homero – Estou realmente envergonhado.

Julieta – De todo, não se passa nada!

Homero – A minha mulher tem andado um pouco deprimida ultimamente.

Julieta – Oh, já sabem, isso acontece a todos nós de vez em quando. Basta abrir um jornal ou olhar à nossa volta. Não é que tudo isto nos incentive muito ao otimismo...

Homero – Na verdade, a Yasmina tentou suicidar-se há três meses.

António – Uau...

Julieta – Sinto muito, de verdade.

Homero – Claro, peço que não mencionem isto na frente dela...

Julieta – Claro...

Yasmina regressa.

Yasmina – Peço desculpa... Estavam a falar do casamento, imagino?

Julieta – Eh... Sim... Entre outras coisas...

Homero – Achamos que estarão de acordo connosco: uma cerimónia simples na câmara municipal parece um pouco triste...

António – No nosso caso, ficámos com isso na altura... Mas também não diria que o nosso casamento tenha sido uma grande alegria, para ser sincero...

Julieta – E o que estavam a pensar?

Homero – Um casamento verdadeiro é um casamento na igreja, não é?

António – Então, o vosso filho é católico?

Yasmina – Batizámo-lo quando o adotámos.

Homero – Deixámos-lhe o nome, mas, ainda assim, seria melhor todos termos a mesma religião, não acham?

Julieta – Sim, é mais prático... Para as refeições, principalmente...

António – E para as reuniões familiares...

Julieta – Embora, no vosso caso, já não tenham família...

Momento de silêncio.

António – Bem, tranquilos, não vamos fazer disto uma questão de princípios...

Julieta – A nossa filha não está batizada, mas se encontrarem um padre que não veja problema...

Yasmina – É que...

Julieta – Sim?

Homero – Pensávamos que já sabiam...

Yasmina – A Clara decidiu batizar-se para poder casar na igreja com o Karim...

António troca um olhar consternado com Julieta.

Homero – Não vos tinha dito?

António – Parece que se esqueceu de mencionar esse pormenor.

Yasmina – Tenho a sensação de que isto vos está a incomodar...

António – De todo! Ela é maior de idade, afinal. Se quiser tornar-se mórmon ou salafista, não podemos impedir-lhe, de qualquer forma...

Julieta – Nesse caso, já estamos de acordo. Os nossos filhos vão casar-se perante Deus.

Homero, emocionado, levanta-se e reprime uma lágrima.

Homero – Não sabem o que este casamento significa para nós...

Yasmina – Sim... Um verdadeiro renascimento... Melhor dizendo, uma ressurreição... Depois de uma massacrada tão grande...

António – Uma massacrada?

Yasmina – Referia-me à família do meu marido...

Homero – Estou tão emocionado... Posso dar-vos um abraço?

Julieta – Claro... Afinal, já quase somos da mesma família, não acham?

Homero abraça Julieta e depois vai em direção a António.

Homero – E a você também, António?

António – Se for absolutamente necessário...

Homero abraça António durante um longo momento e depois limpa outra lágrima.

Homero – Desculpem... Poderiam indicar-me onde fica a casa de banho? Acho que preciso de me refrescar um pouco...

Julieta – Claro, está a passar pela sala, à esquerda.

Homero sai. Silêncio incómodo.

António – Nós, homens, também temos direito à nossa parte de feminilidade, não acham?

Yasmina – Suponho que vos tenha contado que estou deprimida...

António e Julieta guardam um silêncio incómodo.

Yasmina – E que até tentei suicidar-me...

Julieta – Eu... Não lembro se mencionou isso...

Yasmina – Na realidade, quem não está bem é ele. É extremamente ciumento, de forma doentia. Desde que nos casámos, ele tem-me vigiado o tempo todo com um dos seus agentes de segurança, com a desculpa de me proteger...

Julieta – Talvez seja apenas demasiado... protetor, não acha?

António – Uma deformação profissional, talvez...

Yasmina – E depois acusa-me de ter aventuras com os meus seguranças.

Julieta – Bem, isso é ridículo...

Yasmina – O que quer que eu diga? Quando te impõem a presença de um homem bonito ao teu lado o dia todo... E às vezes até à noite, quando o meu marido está em viagem...

Julieta – Obviamente, isso cria tentações.

Yasmina – Afinal, sou só uma mulher... E no meu trabalho, a maioria dos homens com quem trato já está morta...

Julieta – E então, você...?

António – Suponho que tenha sido apenas um deslize sem importância...

Julieta – Isso acontece a todas nós, não é verdade?

António lança-lhe um olhar atónito.

Yasmina – O Homero vai por aí a dizer que o Karim é filho adotivo. Na realidade, ele é fruto de uma dessas numerosas relações extraconjugais... E o meu marido sabe isso perfeitamente, claro...

Julieta – Claro...

António – É de se dizer que o Karim não se parece nada com ele, apesar do que dissemos antes por cortesia...

Julieta – É verdade que o Karim tem traços bastante marcados.

António – Sem chegar a dizer que é negro...

Yasmina – Por isso escolhemos um nome um pouco exótico para ele.

António – Claro...

Yasmina – Na realidade, o meu marido não pode ter filhos... Às vezes pergunto-me se não foi ele, inconscientemente, quem me empurrou para os braços de todos aqueles homens que trabalham para ele... O Homero não conseguia aceitar a ideia de não ter um sucessor, percebem?

António – Nesse caso, mais do que de filho ilegítimo, poderíamos falar de procriação assistida... À antiga...

Yasmina – O problema é que o meu marido não aceita totalmente esta situação...

Julieta – E o Karim? Sabe quem é o pai biológico dele?

Yasmina – Só sabe que é um dos trezentos empregados do meu marido. Tal como eu, aliás... Para evitar que surgissem laços demasiado estreitos, o meu marido trocava todos os dias o segurança responsável por me vigiar.

Julieta – E você já não se lembra quem estava de serviço essa noite...

António – Um anjo da guarda... Isto já não é procriação assistida... Estamos quase na imaculada conceição...

Yasmina – O que mais me preocupa é que, devido ao trabalho dele, o meu marido tem licença para portar armas...

Julieta – Sério?

Yasmina – Temo que um dia faça alguma asneira.

António – Que tipo de asneiras?

Yasmina – Que se mate. Ou que mate alguém. Não se deve contrariá-lo, sabem? Ele tem ataques de ira incontroláveis. Viram-no antes?

António – E... O seu marido anda com a arma?

Homero regressa.

Homero – Estamos realmente muito agradecidos pela vossa hospitalidade.

Yasmina – Sim, de verdade...

Homero – Agora somos uma família, não é?

Yasmina – Acho que isso também vai ajudar a reforçar o nosso casamento, depois de todas as provas que passámos.

Homero – Na verdade, decidimos mudar-nos para estar mais perto do nosso filho e dos nossos futuros netos. Estamos a pensar comprar uma casa em Lisboa.

Julieta – Sério? Em que zona exatamente?

Yasmina – Vi que há uma casa à venda bem em frente...

Julieta – Em frente de quê?

Yasmina – Em frente da vossa!

Homero – Já vos disse, não temos parentes próximos. E já sentimos tanta afinidade convosco...

António e Julieta ficam atónitos. O telefone toca, mas não o ouvem.

Yasmina – Não vão atender?

Julieta – Sim, sim, claro...

António atende.

António – Sim, querida... Fico feliz por falar contigo, precisamente. Queria saber se pensavas convidar-nos para o teu batizado. O que gostarias de receber como presente? Uma pulseira com o teu nome gravado? Uma cruzinha de ouro? Um medalhão da Virgem? (*O seu rosto fica imóvel.*) O quê? Não...? Mas porquê...? (*Para os outros três.*) Desligou...

Julieta – Mas o que se passa?

António – Já não quer casar... Diz que o Karim foi infiel.

Julieta – Isso é terrível!

António – Sim... Então, por que é que sinto como se fosse uma boa notícia?

Homero – O Karim? Infiel à Clara?

Yasmina – O nosso filho nunca faria algo assim...

Julieta – Bem, também não é algo que se possa afirmar assim tão categoricamente, não acha?

Yasmina – Isso não encaixa de todo com a educação cristã que lhe demos...

Homero – Sim, bem... De tal pai, tal filho...

Yasmina – O que insinuas?

Homero – Já me entendo...

Julieta (*a António*) – Podias ter-me passado o telefone, pelo menos.

António – Foi ela quem desligou!

Julieta – O que te disse exatamente?

António – Não percebi muito bem, estava a chorar ao telefone. Mas acho que mencionou um preservativo encontrado debaixo da cama do Karim...

Yasmina – Usado, o preservativo?

António – Isso não me especificou... Querem que a ligue para perguntar?

Yasmina – E estão certos de que não é mais a vossa filha quem...?

Homero – É verdade que ela é um pouco...

Julieta – Um pouco o quê?

Yasmina – Um pouco desinibida, não?

Julieta – Desinibida, a minha filha? Mais bem é o vosso filho quem está um pouco reprimido... Embora não tanto, pelo que parece.

António – Sim, não vamos inverter as coisas, ok? Pelo menos por agora, parece que foi o vosso filho quem enganou a minha filha.

Homero – Bem, visto de outra forma, melhor que aconteça antes do casamento, não acham?

Julieta – O quê? Isso é monstruoso! Essa é a moral hipócrita que inculcaram no vosso filho? Já se vê os resultados!

António – De qualquer forma, a Clara não quer casar. E devo admitir que não é algo que me desagrade completamente...

Homero – E porquê, se se pode saber?

António – Se assim se livra de uns sogros psicopatas...

Yasmina – Como?

Julieta – Eu também devo dizer que não tinha um bom pressentimento sobre este casamento.

Yasmina – Ah, sim?

António – Temos de admitir que não temos muito em comum.

Julieta – E provavelmente os nossos filhos também não.

António – Sinceramente, não acho que a Clara e o Karim tenham o perfil para viverem juntos. É a nossa filha, conhecemos-a bem.

Homero – A prova é que nem sequer sabiam que ela tinha decidido batizar-se.

Julieta – A nossa filha foi criada nos princípios sagrados do ateísmo e da laicidade. É o vosso filho que exerce uma má influência sobre ela.

António – Para ser sincero, quando chegaram, tomei-vos por Testemunhas de Jeová.

Homero – Sério? Eu achava que nos tinham confundido com negros.

Julieta – Negros? Isso é ridículo! Vê-se claramente que não são negros...

Yasmina – Ou, em todo o caso, árabes...

António – Já verás, em breve vão-nos acusar de islamofobia.

Homero – Claro... Diga melhor que não querem este casamento porque são racistas.

António – Racistas? Nós? Agora sim, estão a exagerar!

António pega no seu copo e lança o conteúdo para o rosto de Homero. Este, indignado, agarra-o pelo pescoço e empurra-o com alguma força, mas António perde o equilíbrio e cai.

Julieta – Oh, Deus meu!

Julieta corre para António.

Julieta – António, estás bem? Está inconsciente!

Homero – Sinto muito, mal o toquei.

Julieta – Assassino! (*A Yasmina*) Faça alguma coisa! Afinal, é médica!

Yasmina – Sou médica forense...

Julieta – Não sei o que me impede...

Yasmina – Tenta, vamos ver! Bruxa!

Julieta – Puta! Necrófila!

Julieta começa a estrangular Yasmina. O telemóvel de Homero toca. Ambas as mulheres param.

Homero – Sim, Karim... Sim, estamos com o Julio e Antonieta... António e Julieta, isso mesmo! (*Para os outros*) Ele diz que não enganou a Clara. Foi um mal-entendido. Já se reconciliaram e vão casar-se novamente. Não, não posso passar-te o António agora, ele teve um pequeno acidente... Não, não é nada grave, de verdade... Algo que lhe fez mal, provavelmente... Não, não, seguimos com o aperitivo... Certo, falamos depois...

Yasmina inclina-se para António.

Yasmina – De qualquer forma, como médica forense, posso garantir que este homem não está morto.

António recupera a consciência e se levanta. Todos parecem muito incómodos.

António – O que aconteceu?

Julieta – Nada, querido, provavelmente escorregaste, só isso.

Homero – Acho que as nossas palavras nos escaparam um pouco, não?

Julieta – Deixámo-nos levar, é claro.

Yasmina – Começámos mal, mas vamos começar do zero, certo?

António – Os nossos filhos vão casar-se, afinal.

Homero – Foi totalmente culpa nossa, não deveríamos ter...

Julieta – Não, de todo, foi coisa nossa...

António – Querem mais alguma coisa?

Julieta – Não acho que seja muito razoável. Quase não comemos nada no Alfa ao meio-dia...

Julieta – Mas vão ficar para o jantar, certo?

António lança-lhe um olhar consternado.

Homero – Não queremos abusar...

Julieta – Não tenho nada planeado, mas posso ver o que há no congelador. Algo simples...

Yasmina – Nesse caso...

Julieta sai. Silêncio incómodo.

Yasmina – Gosto muito do vosso sofá...

Homero – Sim, é muito confortável.

Yasmina – É de couro, claro. O couro verdadeiro reconhece-se logo.

Homero – O couro envelhece muito bem...

António – Melhor que nós, de qualquer forma.

Homero – Sim...

António – Não estava a falar da sua mulher, claro. Nota-se que ela está bem conservada.

Homero – Sim...

António – É couro de vaca, acho eu.

Yasmina – Claro...

António – Sabiam que agora fazem sapatos de pele de ananás?

Homero – Confesso que não sabia...

António – E de pele de cacto também.

Yasmina – Não me diga...

António – Espero que lhes tirem os espinhos.

Julieta regressa.

Julieta – Não tenho grande coisa, mas como já picámos bastante, que vos parece se passarmos diretamente para a sobremesa? Tinha um bolo-rei no congelador. Aqueci-o no micro-ondas...

António – Um bolo-rei? Mas estamos em junho...

Julieta – Sim, comprei um pack de dois em promoção no hipermercado no ano passado. Como só comemos um, congelei o outro...

Homero – Um bolo-rei vem mesmo a calhar. Adoramos, não é, querida?

Yasmina – E quase nunca temos oportunidade de comer.

Homero – É verdade, é tão delicioso... Porque limitar-se a comê-lo uma vez por ano, na Epifania?

Julieta corta o bolo-rei em quatro pedaços.

Homero – Normalmente, o mais novo é que se mete debaixo da mesa...

Yasmina – Mas isso obrigaria a revelar a nossa idade...

António – E além disso, a mesa é um pouco baixa, não?

Julieta distribui as porções com a espátula.

Julieta – Para quem?

António – As damas primeiro.

Julieta distribui as porções.

Julieta – Bom apetite!

Comem o bolo-rei em silêncio durante um momento.

Homero – Esquisito, de verdade!

Yasmina – Sim, tem muito recheio.

Comem mais um pouco, mastigando com cuidado.

Homero – Ah, parece que me calhou a fava...

Julieta – Então, és o rei!

António – O rei de quê, já se verá...

Julieta coloca a coroa na cabeça de Homero, que a põe.

Homero – Homero Primeiro. Escolho a minha esposa como rainha, claro.

Yasmina – É o normal, afinal de contas.

Julieta – Claro, claro.

Yasmina – Os pais do príncipe encantado são, necessariamente, um casal real.

Homero coroa Yasmina e beijam-se longamente. Julieta e António, incómodos, trocam olhares. Julieta tosse um pouco para os trazer de volta à realidade.

Julieta – Apetece-vos um café?

Os outros dois interrompem o abraço.

Yasmina – Porque não?

Homero – Com muito gosto...

Yasmina – Importa-se se for lavar as mãos? O bolo-rei fica sempre um pouco... pegajoso.

Homero – Vou contigo. Também sinto que estou um pouco... pegajoso.

Julieta – Claro, sabem onde fica a casa de banho... Vou pôr a máquina de café a fazer.

Homero e Yasmina saem, seguidos por Julieta. Ela regressa alguns segundos depois.

António – Se ao menos se tivesse engasgado com a fava...

Julieta – Há que admitir que eles são difíceis...

António – Porque é que os convidaste para o jantar, então?

Julieta – Isto não é um jantar, é só um bolo-rei! E além disso, lembro-te que nossa filha vai se casar com o filho deles...

António – Temos de evitar esse casamento a todo o custo, ou isto vai ser um pesadelo...

Julieta – Ah, sim? E como é que fazemos isso?

Ouve-se Homero e Yasmina a rir fora de cena.

António – Pareciam bastante animados... Achas que estão a copular na nossa casa de banho?

Julieta – Viste antes, quando ele esteve a ponto de sacar a pistola? Achas que devo chamar a polícia?

António – De qualquer forma, como diz a esposa dele, melhor não contrariá-lo...

Homero regressa acariciando carinhosamente Yasmina. Estão a brincar como adolescentes.

Yasmina – Ai, não, para já... Por favor... Não aqui...

Julieta (*desconfortável*) – Vou ver se o café está pronto.

Julieta sai. Yasmina e Homero tentam recuperar a compostura e retomar uma conversa trivial.

Yasmina – A Clara disse-nos que têm uma casa de férias em Faro, é verdade?

António – Sim, em Faro... Vamos lá sempre que podemos.

Homero – Incrível, nós passamos todas as nossas férias em Albufeira! Fica a meia hora de carro!

Julieta regressa com o café.

Julieta – Sério? Isso é extraordinário!

António e Julieta trocam um olhar desconcertado.

Homero – Então, podemos ver-nos também durante as férias!

Yasmina – E se fizéssemos o casamento lá?

António – Lá...?

Yasmina – Em Albufeira!

Homero – É verdade que ainda nos falta organizar os detalhes do casamento... Mas eu tinha outra ideia em mente...

António – Nós pensávamos em algo bem íntimo. E, como por acaso, não têm família.

Homero – Mas tem que ser celebrado... O que acham de fazer num hotel-palácio de Albufeira? Com vista para o mar, claro. Assim, posso convidar também os meus clientes mais fiéis...

Yasmina – O que acham?

António – Bem... Depende... Como se supõe que nós temos de pagar a conta, têm muitos clientes?

Homero – Não se preocupem, ponho isso como despesa de representação...

António – Nesse caso, claro, se for uma operação comercial...

Homero – O Karim vai tomar o meu lugar à frente da empresa dentro de uns anos. Vai ser uma boa oportunidade para apresentar o meu sucessor aos seus futuros empregados... Na verdade, tenho muita vontade de passar o testemunho e desfrutar um pouco da vida.

Homero afasta a sua casaco para mostrar o revólver.

Homero – De qualquer forma, quando estiver reformado e viver bem em frente à vossa casa aqui em Lisboa, acreditem, no que diz respeito à segurança, não terão nada com o que se preocupar... Vou vigiar pessoalmente a vossa casa...

Julieta – Eh, sim... Até posso organizar uma milícia com os reformados do bairro e fazer rondas pela zona! O que achas, António?

António – Porque não? Não gosto muito do termo milícia, mas pronto... A guerra é a guerra...

Julieta – Sim... Embora não estejamos em guerra...

Homero – Esquecem-se dos nossos inimigos internos... A quinta coluna!

Pausa.

Yasmina – Na verdade, gostamos muito da Clara e estamos muito contentes com esta união.

António – Sim, é... É uma grande vingança, para ela também.

Julieta lança-lhe um olhar surpreendido.

Homero – Uma vingança?

António – Contra a vida...

Yasmina – Sério?

Julieta – É verdade que não começou muito bem.

Homero – Tão grave?

António – Não vos contou? Quando nasceu, a saúde dela era muito frágil. Não é, Julieta?

Julieta – Nasceu muito prematura...

António – Os médicos até se perguntavam se ela não ficaria com sequelas físicas e cerebrais.

Julieta – Na verdade, para os estudos dela, no início, tem de se admitir que não era realmente precoce.

António – Repetiu o sexto ano da primária.

Yasmina – No entanto, agora está na melhor escola de negócios de Portugal...

António – Sim, e pelo menos estabilizou um pouco...

Julieta – Não devíamos dizer isto, mas... Não estavam totalmente errados há pouco...

António – Tem de se admitir que ela é bastante desinibida, como dizem. Para não dizer desviada...

Julieta – Teve muitas aventuras antes de conhecer o vosso filho, isso é certo...

António – Ah, isso sim, podemos dizer que vimos desfilar alguns...

Julieta – E não só boas companhias, lamentavelmente...

António – Foi por isso que ficámos tão aliviados quando nos apresentou o vosso filho...

Julieta – Lembras-te? Aquela vez que tivemos de a ir buscar à esquadra porque tinha roubado algo num supermercado... O que foi mesmo, já não me lembro?

António – Presunto, acho.

Homero e Yasmina olham-se surpreendidos.

Homero – Presunto?

Julieta – Ou batom, já não me lembro.

António – Não, agora que me lembro... Era uma tenda de campismo!

Homero e Yasmina olham-se consternados.

Julieta – Ah, sim, a propósito, há algo mais que achámos importante dizer-vos sobre a Clara...

Yasmina – Sim?

Julieta – A avó materna dela tinha uma doença genética bastante incapacitante...

António – Sim. Uma doença órfã.

Julieta – Não me lembro bem qual era, mas depois direi... Eu não herdei, felizmente, e a minha filha também não. Mas parece que pode saltar uma ou duas gerações...

António – Não seria agradável se a nossa filha vos desse netos que não estivessem à altura das vossas expectativas...

Julieta – Bem... basta fazer o teste. Só vão ficar com a criança se não estiver afetada pela doença...

Homero – Ah, sim, de facto, é... É muito incómodo... Já com o lado do Karim, não temos certificado de denominação de origem controlada...

Yasmina – O que queres dizer com isso?

Homero – Sabes muito bem o que quero dizer!

Yasmina – Porque do teu lado, toda a gente está perfeitamente equilibrada, não é?

Homero – O que insinua?

Yasmina – O teu sobrinho matou toda a família com a espingarda do pai enquanto dormiam!

Homero – Foi um acesso de loucura, isso pode acontecer a qualquer um!

Yasmina – A qualquer um? Ainda bem que nesse ano não pudemos passar o Natal com eles, senão, não estaríamos aqui para contar...!

Homero – Puta! Prostituta! Um dia mato-te...!

Levanta a mão em direção ao seu revólver. António e Julieta estão petrificados. O telemóvel de Yasmina toca. Ela atende.

Yasmina – Sim, tudo bem, Clara... *(Para Julieta)* É a vossa filha, precisamente.

Julieta – Vou levantar um pouco.

Julieta sai com alguns objetos da mesa.

Yasmina – Certo... Entendido... E, acima de tudo, não te preocupes, querida Clara. Aceitaremos como és, claro... Não, não... Referia-me à tua doença genética. Os teus pais informaram-nos e... Claro, vamos falar de tudo isso mais tarde...

António – Posso servir mais um pouco de café?

Homero – Com muito gosto, obrigado...

Julieta regressa e dirige-se discretamente a António.

Julieta – Chamei a polícia...

Yasmina – Muito bem, passo-lhes a mensagem. *(Yasmina guarda o telemóvel.)* Eles chegam mesmo a tempo para o café...

Julieta – Perfeito, então vou preparar mais um pouco...

Yasmina – Espero não ter cometido um erro ao falar da doença rara dela... Ela parecia surpreendida...

António e Julieta trocam um olhar culpado.

Homero – Agora que penso nisso, o que acham de passar o Natal connosco? Às vezes, das desgraças surgem novas oportunidades... Depois do drama que acabou com toda a minha família, herdei um chalé em Serra da Estrela. Este chalé onde aconteceu o massacre...

Yasmina – Poderíamos reunir-nos lá para celebrar o nosso primeiro Natal em família!

Homero – A nossa nova família!

António e Julieta parecem aterrados. O telemóvel de Julieta toca.

Julieta – Sim, querida. Como? Que doença genética? Não sei do que falas... Bem, explico-te depois, está bem? Um beijo.

Julieta guarda o telemóvel.

António – Preferimos não lhe dizer até agora... Mas agora que se casa e provavelmente terá filhos... Não ouviste a porta, querida?

Julieta – Não, não ouvi nada...

António faz-lhe um gesto discreto para que finja.

Julieta – Ah, bem, talvez... É verdade que a campainha soa tão mal... Às vezes nem se ouve.

António – Devem ser eles. Vais comigo recebê-los?

Julieta – Vou contigo...

Saem silenciosamente. Homero e Yasmina permanecem em silêncio por um momento.

Yasmina – Tínhamos razão em suspeitar, não achas? São realmente estranhos.

Homero – Sim... E um pouco insuportáveis...

Yasmina – Um par de professores vermelhos, claro...

Homero – Não deviam deixar esta gente reproduzir-se entre eles. Já se vê o resultado. Viste a filha deles?

Yasmina – O que é que podemos fazer? A família política não se escolhe...

Homero – Infelizmente...

Ouviu-se uma porta a fechar-se bruscamente e talvez um carro a arrancar a toda a velocidade.

Yasmina – Que estranho, parece que se foram...

Homero – Achas?

Silêncio.

Yasmina – Não me convencia nada este casamento.

Homero – Eu também não... Mas acho que fizemos o suficiente para o evitar, não achas?

Yasmina – A questão seria mais: não teremos ido longe demais?

Homero – Achas? De qualquer forma, mesmo que não consigamos impedir o casamento, tenho a certeza de que, com os sogros, podemos ficar tranquilos.

Yasmina – Sim, imagino que depois do número que lhes fizemos, não estarão dispostos a voltar a convidar-nos.

Homero – E vão recusar todas as convites que por cortesia seríamos obrigados a fazer-lhes...

Yasmina – Sobretudo o convite para passar um Natal em família no chalé do horror. Mas de onde é que tirámos todas estas ideias?

Riem-se. Ouve-se uma sirene de polícia a aproximar-se.

Homero – No final, tens razão... Começo a achar que fomos longe demais, não achas?

Funde-se a negro.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Naufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Um Sonho de Casa

Comédias para 3

Crash Zone
Cuidado frágil
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comedias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Jogo de Escape
O Jackpot
O Sorteio do Presidente
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as feras...
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comedias de sainetes (sketches)

Breves do tempo perdido
Breves de palco
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
De verdade e de brincadeira
Ela e Ele
Morrer de Rir

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Novembro de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-282-1

Documento para download gratuito